**AMOR E SOLIDÃO**

Muito se fala sobre o silêncio. Muito se imagina sobre sua importância, sua riqueza e sua prática. Muito se busca sua experiência, em maior ou menor profundidade e disponibilidade de tempo.

Entretanto, no imaginário coletivo, vê-se o silêncio como uma prática no vazio, na ausência de tudo e de todos, na solidão e entrega ao nada. Com isso, pensa-se que o silêncio enriquece seu praticante pela paz que lhe proporciona, pela tranquilidade que lhe brinda.

Associa-se à ideia geral de silêncio a imagem de solidão. Para se ter silêncio, acredita-se, necessariamente, que a pessoa precisa estar distante das pessoas, do tumultuado cotidiano, das atividade rotineiras de nossa conturbada sociedade.

Thomas Merton, no capítulo Amor e solidão, de seu livro Amor e vida, nos presenteia com uma visão nova e rica, profunda e clara, plena e simples, apresentando-nos o caminho da verdadeira solidão e nela o enriquecedor silêncio. Uma possibilidade para todos, religiosos e leigos, independente da prática cotidiana.

Convido todos e todas a fazermos uma rápida viagem pelos caminhos traçados por Merton sobre a solidão e o amor.

No primeiro capítulo refletimos sobre o encontro libertador com Deus em nosso interior, encontro este disponível a todos e que nos proporciona uma liberdade plena, pois, ao nos encontrarmos com a nossa essência divina e deixarmos ser abraçados e conduzidos por ela, seremos capazes de nos libertarmos das amarras mundanas, dos grilhões das ilusões que nos prendem e nos conduzem a um caminho momentaneamente gratificante, mas que nos distancia de nosso verdadeiro centro, do Ser que nos criou e que em nós habita e se disponibiliza para nos conduzir a plenitude eterna.

Neste capítulo, Merton nos mostra algumas características deste caminho para o verdadeiro encontro que nos leva a experienciar, plenamente, a razão de nossa existência.

Traz-nos o silêncio como um meio, não como o fim, como uma possibilidade de encontro, não como o vazio e a total ausência, como o caminho para o encontro apontado no primeiro capítulo, como um importante instrumento para “ouvirmos” a voz dessa essência divina que nos habita, nos chama, nos deseja, que se disponibiliza, permanentemente, para esse maravilhoso encontro e, em decorrência dele, partirmos para uma vida plena, livre e, acima de tudo, intensamente amorosa.

Mas como, pelo silêncio, poderemos usufruir de tão maravilhoso encontro?

Começando pela verdadeira solidão. Não é apenas o isolamento, o distanciamento de tudo e de todos, mas sim o mergulho para dentro de nós, afastando-nos de tudo que neste mundo nos prende a ele. É o começo de nossa libertação. Podem ser momentos de experiência, períodos de vivencia solitária, tempos próprios e específicos para tal mergulho.

Muitos desanimam-se e se quer iniciam tal empreitada por acreditarem que o mundo corrido em que vivem não permite longos e específicos momentos de silêncio e solidão. Enganam-se! A solidão e o silêncio para a experiência do encontro com nos verdadeiro Eu não dependem de tempo, de condições prévias, de oportunidades pré-existentes. Dependem, apenas, da opção de partir para seu interior, de buscar a realização de tão importante e rica viagem. Momentos que são encontrados, oportunidades que são cavadas, períodos de tempo que são estabelecidos, cuja intensidade é muito mais importante do que a quantidade, a profundidade que é essencial. Todos podemos buscar e abraçar tal intento.

Começando pelo “ouvir” adequadamente o chamado divino.

Merton chama a atenção para um ouvinte “não-ouvinte”. Não se trata de uma audição tradicional de palavras, de informações, de belas construções filosóficas ou de ricos conteúdos teológicos. Trata-se, apenas, do deixar-se livre para ouvir, ouvir um chamado divino vai além do mero sentido da audição, ele trata de se “ouvir” sentindo. Pro isso é um “ouvinte” além do tradicional ouvinte, além de escutar vozes ou chamados verbais. É deixar-se levar pelo chamado inaudível, mas intensamente sentido, caso estejamos disponíveis para ele. Porém, tal disponibilidade somente pode ocorrer se estivermos em solidão, estado apresentado no início, e mergulhados em nosso silêncio, independente do que estiver ocorrendo a nossa volta. Como nos diz o autor em estudo, em tal situação, não buscamos a nós mesmos, mas nos perdemos, deixando-nos livres para o verdadeiro e perfeito encontro, distantes de todos, mas unidos ao todo.

Não nos enganemos, como muitos, buscando palavras ditas ou construídas, pois elas nos levarão à construção de conhecimentos, poderão até nos encantar, mas jamais propiciara o evidenciar do pleno amor. Somente no silêncio e na solidão, poderemos encontrar este amor. Amor nascido da divina essência que existe em nós e capaz de contaminar aqueles que entram em contato conosco. Daí surge o que Merton chama de fala “não-fala”, para fazer vínculo ao ouvinte “não-ouvinte”. Não são palavras de conhecimento, mas a Palavra, a Palavra Única, que tem o potencial de gerar em nós o verdadeiro amor, o desapego das coisas temporais, a liberdade dos preconceitos e preocupações, a verdadeira e plena paz.

Não foi sem razão que o próprio Jesus, em oração ao Pai, agradeceu-lhe dizendo: “*Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.*” (Mt 11:25) Tais palavras “não-faladas” não estão relacionadas ao conhecimento, a compreensão racional, mas sim ao verdadeiro sentir (ouvir) o chamado de Deus, no silêncio e na solidão, possibilitando que de nós se aflore o verdadeiro amor, o amor infinito.

Dessa forma, equivocados estão aqueles que buscam fora de si, ou em locais específicos, ou condições externas próprias o silêncio desejado para se chegar ao mencionado encontro, a solidão almejada para estabelecer a caminhada interior. O silêncio necessário encontra-se no interior de cada um, ele não surge, não aparece, não nos é dado, ele é construído. Assim, seu exercício depende de opção pessoal, de momentos estabelecidos para tanto e não de condições externas propícias e ideias pré-existentes. Podemos, então, estarmos sozinhos em qualquer lugar e usufruirmos da solidão mesmo na multidão.

Quando nos permitimos trilhar, por intermédio do silêncio e da solidão, ao encontro das “palavras” não ditas do amor divino, quando nos entregamos plenamente ao Deus que habita nas profundezas de nosso ser, passamos a ser um com Ele, não havendo mais distinção entre o nosso eu e o Eu divino. Instala-se, então, a plena paz, brota o infinito amor de nosso verdadeiro eu, de nossa essência divina, decorrentes de uma conversa inaudível, de um encontro não visível, de uma postura sem ação, de uma entrega plena. Chegamos, então, como Merton nos chama a atenção, à raiz de nossa existência, à base da vida e, consequentemente, por nos “dissolvermos” nesse chão, nesse sustentáculo, tornamo-nos sementes férteis, tornamo-nos amor fecundo e contagiante. Por conseguinte, ao esvaziarmo-nos de nós mesmos, deixamos de ser o condutor de nossa vida, pois é Deus que passa a viver em mim.

Frei João Milton, FMIC